



Restaurações Infelizes.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.1 n.7 dezembro 2020

Periodicidade: quinzenal

Capa: Ecce Homo, de Elías García Martínez, versão adulterada.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

PRÓLOGO

Ultimamente a mídia internacional tem divulgado imagens mostrando “restaurações” que deram errado. Parece que, de tempos em tempos, este tipo de catástrofe ocorre aqui e ali.

Isto revela, de certo modo, o descaso que se tem pela Arte e cultura, pois nem todos os responsáveis pela sua guarda e conservação levam isso muito à sério e fatos como esse ocorrem o tempo todo.

Ainda bem que não são maioria, mas...

A tradição cultural define, por princípio, que os bens materiais e imateriais produzidos pela humanidade devem ser respeitados, protegidos e preservados. Assim surgiram os Museus, as declarações de Patrimônio Cultural da Humanidade entre outras atitudes positivas para não deixar que o interesse predatório atingisse todos os lugares, todas as coisas e recantos indiscriminadamente. Isso funciona relativamente bem, mas parte dessa “boa vontade” depende de governos e administrações locais que, nem sempre, se preocupam com isto.

Circulou recentemente na mídia digital, via BBC, a partir do site de notícias espanhol Europa Press, que mais uma peripécia de um restaurador autodidata havia ocorrido. Agora uma obra de um colecionador de Valência que pagou 1.200 euros para limpeza do quadro a um restaurador de móveis. A "restauração" vitimou a obra "A Imaculada Conceição de El Escorial", do artista espanhol Bartolomé Esteban Murillo que, por sorte, era uma cópia, a original se encontra sã e salva no Museu do Prado em Madri. Mesmo que a obra original não tenha sofrido danos, isso não minimiza o problema.

Anos atrás, outra destas "restaurações" foi realizada numa igreja da Espanha por uma octogenária, resultando em perda total. Fato que teve ampla divulgação nas redes sociais virando até "meme", deixando a igreja famosa e o acesso ao mural conquistou mais visitantes do que os que iam apreciar a obra original... Embora se trate de algo sério não se pode negar que tais condutas levam ao contexto do humor negro, mesmo que proporcionem momentos de descontração, levam à reflexão sobre o descaso em torno do Patrimônio Cultural.

Restaurações Infelizes.

Os casos mais recentes tiveram mais visibilidade devido à atenção que o “olho digital” dá aos acontecimentos atuais.

Uma sociedade que têm à sua disposição instrumentos de captação de informações tão eficientes como os que estão disponíveis na atualidade, faz com que algo que aconteça agora no outro lado do mundo seja relatado imediatamente e, como um rastilho, atinja milhões de pessoas em segundos.

Isso é bom e ao mesmo tempo ruim, pois não dá para separar, de imediato o “joio do trigo”.

É um campo aberto para a informação que pode ser consistente e séria mas também é um ambiente para as “fake news” tão ao gosto de segmentos mal intencionados da sociedade desde “blogueiros” até governantes desonestos...

Quanto se perdeu do que a humanidade produziu simplesmente por não ter a visibilidade midiática que se tem hoje em dia?

Obviamente que a visibilidade é uma das questões, contudo a maior questão é como preservar o patrimônio cultural se, nem sempre, os organismos responsáveis por isso têm as condições para tanto?



A obra original “A Imaculada Conceição de El Escorial”, 1665-70, do artista espanhol Bartolomé Esteban Murillo (1617-1682), artista barroco espanhol. Da qual foi feita a cópia recentemente desfigurada por dois restauradores amadores.

O caso foi o seguinte:
proprietário da imagem pagou a
um restaurador de móveis para
limpar a pintura que possuía,



o que resultou na primeira
catástrofe.

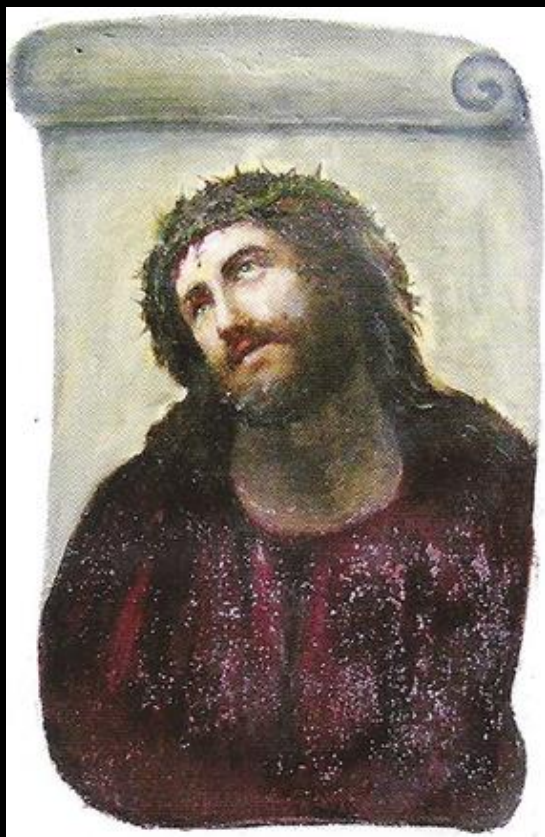
Na tentativa de reverter o
processo solicitou a correção a
outro “restaurador” e obteve, de
novo, um péssimo resultado:

Entre “antes e Depois”, fica fácil
perceber a “infelicidade”...

Entretanto, este não foi o primeiro nem será o último caso de Restaurações Infelizes. Tempos atrás, fomos brindados com uma “reinterpretação” magistral de restauração amadora com esta imagem:



A restauradora, uma senhora se dispôs a fazer o serviço e conseguiu convencer o pároco a aceita-lo, talvez por oferece-lo “de graça”. Se considerar que uma restauração feita por um profissional qualificado custaria caro, quem sabe tenha sido este o motivo de deixar a cargo da bondosa senhora a obra “Ecce Homo” de Elias Garcia Martinez, no Santuário da Misericórdia de Borja, Província de Saragoça, na Espanha. O resultado pôde não ter agradado os especialistas, mas agradou à paróquia que teve a maior visibilidade de todos os tempos, inclusive, manterá a obra como ficou e dará parte dos ganhos advindos do uso da imagem para sua “restauradora”...



Aqui estão os três estágios da obra: A aparência original antes do desgaste, o estado em que se encontrava com o desgaste e o resultado obtido pela “restauração” realizada.

No entanto, nem todas as restaurações infelizes têm finais felizes. Na maioria das vezes se perde muito do patrimônio cultural por falta de cuidado na escolha ou orientação deste tipo de trabalho que não é nada novo.

O problema da restauração acompanha a própria produção artística desde os primeiros momentos da criação de uma obra. A escolha de materiais, suportes sempre foram importantes para a execução de Obras de Arte, especialmente aquelas que eram projetadas para durar. Principalmente as que estão continuamente expostas às condições ambientais.

Por isso, muitas obras arquitetônicas, escultóricas sobreviveram mais do que pinturas ou desenhos, justamente por conta da resistência dos materiais.

Isto não quer dizer que as obras sempre deveriam ser produzidas com materiais duráveis, já que a Modernidade libertou as técnicas da tradição e instaurou a experimentação como um dos recursos de criação, fato expandido pela Pós-Modernidade, portanto, atualmente um dos grandes problemas da Arte Visual é a Conservação e, conseqüentemente, o Restauro.

Quem faz isso?

O dois fatos que usei para abrir essa reflexão são os mais recentes e que tiveram uma grande cobertura da mídia. Contudo, não são casos isolados, apenas mais conhecidos.

Este comportamento é mais comum do que pode se imaginar. Numa busca rápida nas redes sociais é possível identificar vários deles que, embora não tivessem a mesma “popularidade” causaram tanto dano quanto estes...

Quem deve restaurar Obras de Arte? A resposta mais óbvia do mundo é: Restauradores especializados e qualificados para cada tipo de obra.

No mundo todo há instituições que preparam profissionais com este fim, especialmente na Europa, dada à quantidade de obras disponíveis e que sempre necessitarão de restauro, para o resto de suas vidas. Mesmo as obras contemporâneas, como disse, dada às experimentações também são suscetíveis a problemas de conservação, daí necessitarem de Restauradores competentes.



A infelicidade de ocorrências deste tipo servem de alerta para olharmos com mais cuidado a Cultura e a Arte.

Aqui temos a “restauração” da escultura de São Jorge à Cavalo, em Navarra, na Espanha, que também não foi feliz.





A Espanha parece ser a vítima preferencial de restauradores amadores, esta também foi uma tentativa espontânea de realizar a revitalização de algumas esculturas medievais: Três esculturas de madeira do eremitério da cidade de El Rañadoiro, Astúrias.



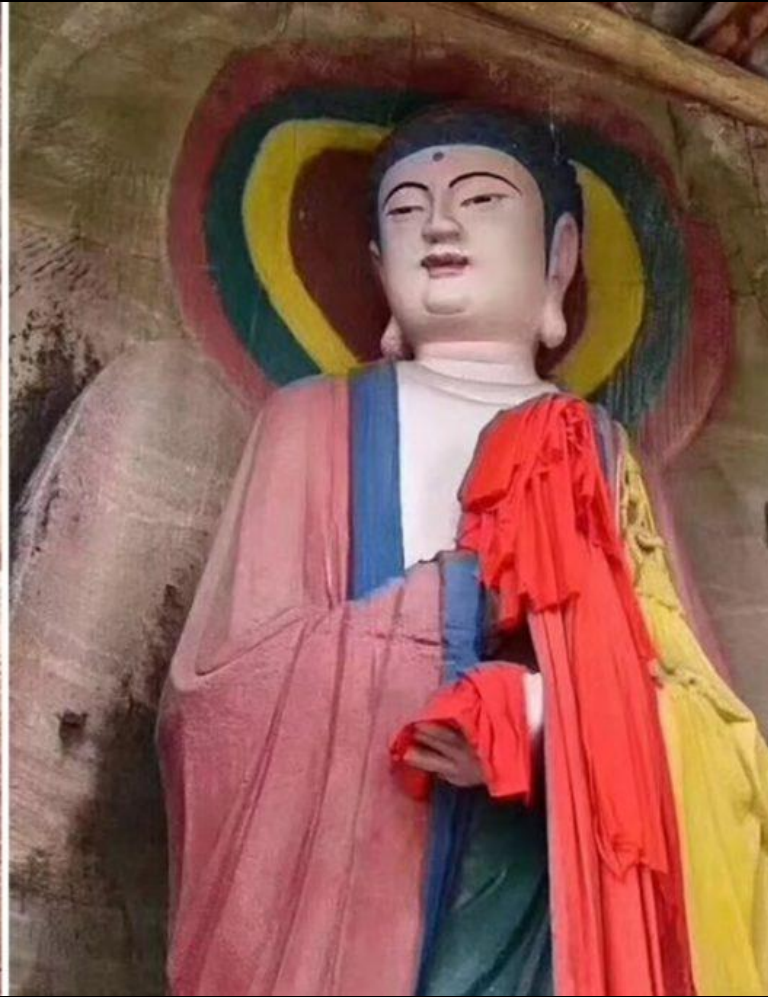
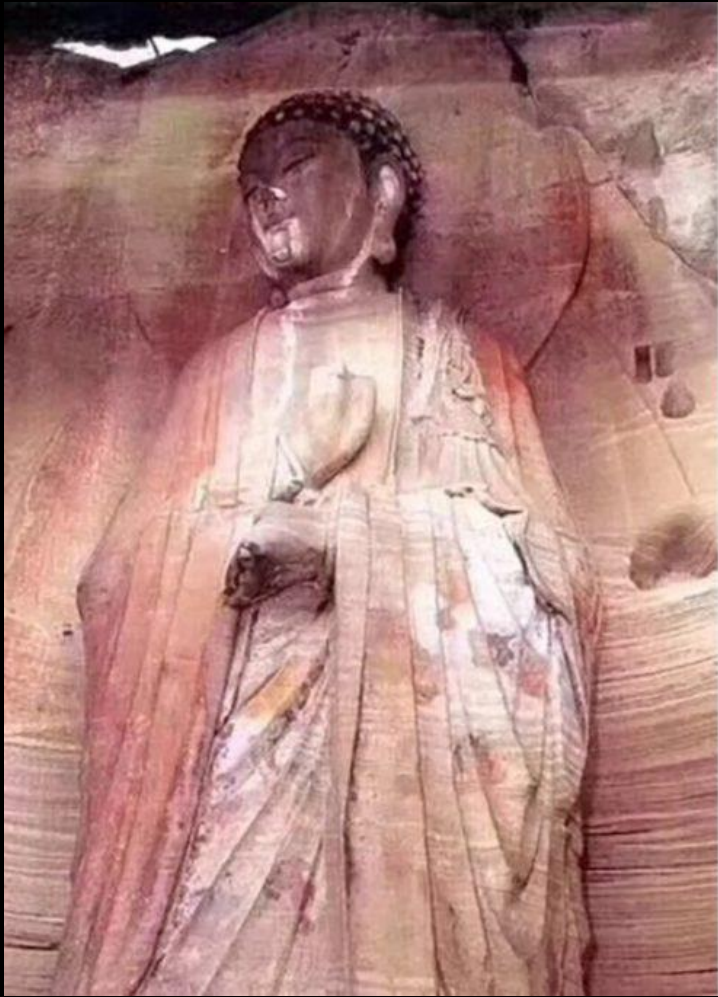
Ainda na Espanha um São José e uma Santa Maria Egípcia colocadas em um santuário de Setefilla, também provocam lamentos.



Acima a imagem como ficou após restauração e, abaixo, era antes, em edifício na cidade de Palencia, na Espanha — Foto: AP Photo/Alberto Calleja & Agencia ICAI



O Brasil não está isento desses desastres, a imagem de Santa Bárbara, realizada no século XIX, da capela de Santa Cruz da Barra na Fortaleza de Santa Cruz também passou por isso. Embora aqui seja mais comum as obras simplesmente desaparecerem do que serem restauradas...



Como se vê, nenhuma obra está livre disso, até a imagem com mais de 1.000 de Buda numa gruta de Anyue, na China, foi "restaurada" e sofreu um *upgrade* visual, uma super transformação de fazer inveja aos mais "fashionistas".



Ainda na China, o “fashionismo” pegou pesado e o resultado se vê na reciclagem de um afresco com “superatualização” das cores. Afrescos Budistas em Chaoyang, na China, realizados entre 907-1125, antes e depois.

Talvez uma das mais ridículas tentativas de restauração tenha sido a reconstrução da cabeça do menino Jesus nos braços de Maria na Igreja de Sainte-Anne-des-Pins, em Sudbury, Ontário no Canadá.

Conforme se conta, a cabeça do menino foi decapitada e recolocada várias vezes até que, enfim desapareceu. A substituição foi proposta por uma pessoa da localidade que faria o serviço "de graça", obviamente a cúria concordou imediatamente e o resultado pode ser aqui comprovado. Qualquer semelhança com "Lisa Simpson" é mera coincidência. Conta-se que era uma cabeça provisória, que seria substituída pela definitiva.



Nesse meio tempo o "raptor de cabeças", num ato de pena, resolveu devolver a original e talvez com isto tenha salvo a Arte de mais uma aberração...





Portugal não ficou livre disto: O restauro efetuado em 13 esculturas do Santuário da Nossa Senhora das Preces, em Oliveira do Hospital, foi alvo de críticas por parte de restauradores de Obras de Arte dizendo que tais alterações comprometeram sua identidade. O que é possível constatar...



Disto nem faraó escapa:

A barba de Tutancâmon foi quebrada durante uma restauração, e os funcionários do Museu Egípcio no Cairo a colaram com um material inadequado para isso, mas o erro foi descoberto e corrigido.



Nem mesmo o “Cordeiro Místico” escapou. A Obra de restauro do *Retábulo de Ghent*, pintado pelos irmãos Hubert e Jan Van Eyck no século XV, foi criticada pois o cordeiro perdeu suas feições originais e tornou-se muito parecida com feições humanas:





Mas não é só de infelicidade que se vive nessa área. A obra “Salvator Mundi”, atribuída a Leonardo da Vinci, apresentava danos razoáveis dado à sucessivas intervenções. Finalmente foi restaurada e levada a Christie’s de NY em 2017 que a leilou por 430 milhões de dólares para os Emirados Árabes, que felicidade...



O Juízo final de Michelangelo na Capela Sistina, no Vaticano em Roma, também foi restaurado e apresentou modificações substanciais, mas não sucumbiu à infelicidade que acometeu outras obras.

Muitas vezes as restaurações retiram das obras camadas de poeira, vernizes oxidados e mesmo intervenções realizadas sobre elas que comprometeram sua identidade. No fim das contas, fica difícil julgar se uma restauração irá traduzir melhor uma Obra ou deixa-la diferente de nossa memória afetiva. Há sempre um risco...

Alguns casos requerem a Reconstrução e não apenas Conservação ou Restauro.

É o caso da “Pietà” de Michelangelo que foi impietosamente atacada à marteladas em maio de 1972 resultando na destruição das feições quebra do braço esquerdo e cotovelo em vários fragmentos.

Uma questão importante, o diretor de patrimônio do Vaticano na época era Deoclecio Redig de Campos, brasileiro formado em História da Arte confiando a Vittorio Federici a reconstrução da imagem que voltou ao seu lugar em dezembro do mesmo ano.



Hoje em dia as tecnologias e técnicas de análise, recuperação e restauração de Obras de Arte avançaram muito e é, praticamente, impossível provocar danos às obras submetidas a processos técnicos experientes, acompanhados ou desenvolvidos por especialistas. As questões de conservação e restauro não se referem apenas às obras do passado, mas também às obras recentes.

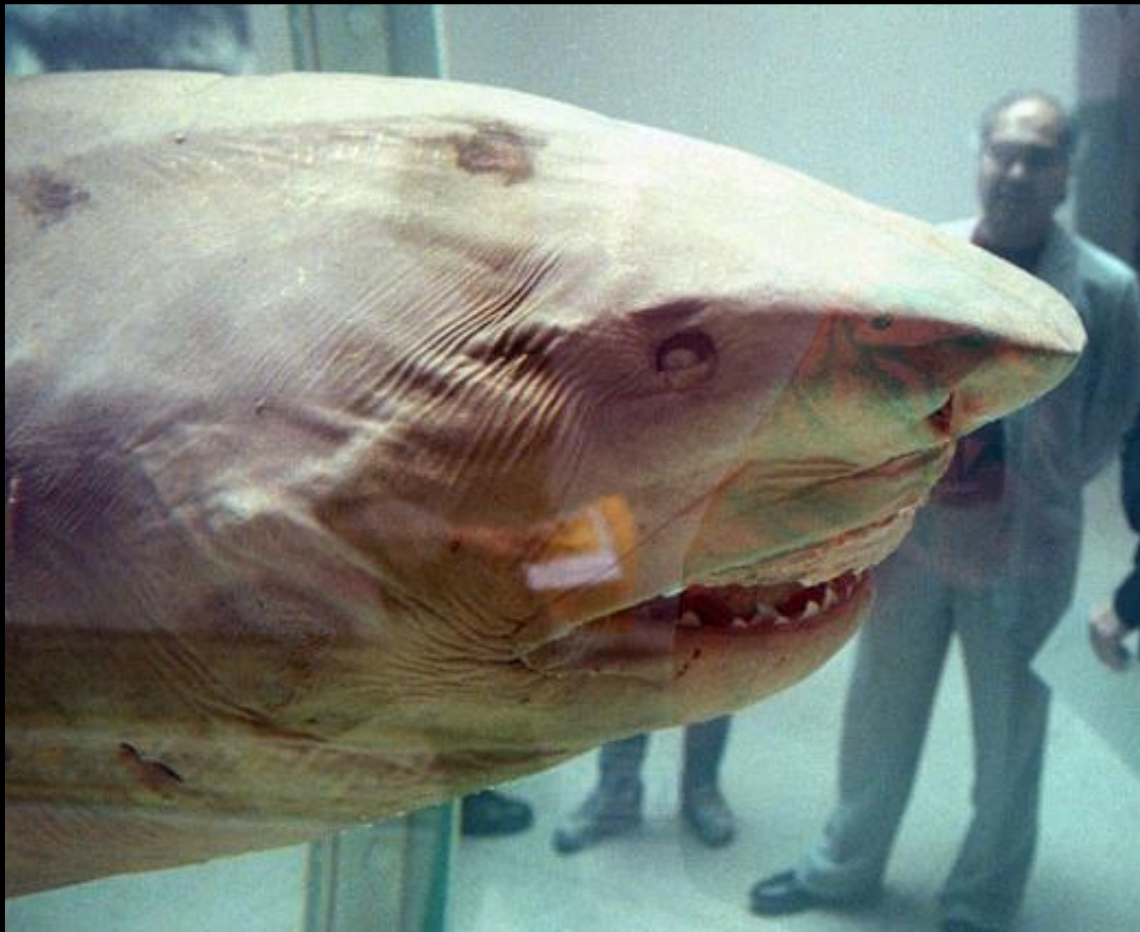
Hoje em dia os restauradores enfrentam problemas de toda ordem: sejam estruturais ou com as matérias com que estas obras foram realizadas.

Muitas obras que foram produzidas a partir do Modernismo são suscetíveis à danos devido às experimentações, proposições eventuais ou transitórias, isso faz com que sofram intervenção e interferência das condições ambientais com também a degradação devido à variedade de materiais usados. Muitos artistas trabalham com materiais insólitos, orgânicos, em geral, degradáveis por sua própria natureza. Aí entra em cena os bons restauradores e especialistas usando materiais e instrumentos de última geração.



Conservar obras requer domínios que vão da química à física, pois além da tentativa de conservação de materiais originariamente degradáveis, eventualmente elas precisam ser restauradas, o que leva a uma questão completamente nova: repor o material usado originalmente ou deixar que ele siga seu destino e desapareça?

Um exemplo desse tipo de problema ocorreu com uma das obras de Damien Hirst: "A impossibilidade Física da Morte na Mente de Algo Vivo" de 1991. Encomendada pelo galerista inglês Charles Saatchi, pagando por ela 50 mil libras e depois vendida ao investidor americano Steve Cohen.



A Obra de Hirst consistia num Tubarão Tigre preservado num “aquário” de formaldeído que, aos poucos, foi-se deteriorando. O colecionador, não ficou satisfeito com isso e levou o artista a substituir o tubarão e se comprometer a fazê-lo toda vez que isso ocorresse. Uma solução radical mas efetiva, menos para os tubarões...

Outro caso semelhante a este é o da “*Stranger Fruit*”, 1992-97, de Zoe Leonard (1961) artista americana. A mostra consiste em cerca de trezentas cascas de frutas - bananas, laranjas, toranjas e limões - consumidas e depois costuradas pela artista com fios de cores vivas. A proposta era deixar que as cascas se deteriorassem, até desaparecerem. Contudo, as obras foram adquiridas pelo Museu de Arte da Filadélfia que contratou o conservador Christian Scheidemann, que passou a investigar a possibilidade de conservação das obras e as tem preservado apesar da discordância da artista. O que abre um outro precedente: a intenção ou vontade do artista pode ser alterada por conta de uma intervenção?



Não há dúvidas de que as Obras sempre precisarão de Restauração, o que se espera é que isto seja feito do modo mais eficiente e com qualidade.

E isto depende de bons restauradores para evitar males como os aqui relatados.

Pode-se dizer que Restauração é uma recuperação, mas há que se trabalhar com a prevenção, o que implica na Conservação, por isso a área que trata disso é chamada de Conservação e Restauro. Os profissionais de Arte, sejam formados em Cursos de Arte Visual, ou em outros que tenham como meta o conhecimento sobre Obras de Arte, são responsáveis por isto.

O Restauro nem sempre se dirige a uma Reconstrução onde partes de uma obra são refeitas ou reconstruídas para recuperar sua aparência original, na maioria das vezes é retirar resíduos e vestígios da atmosfera e do tempo...

Cada caso é um caso e tais decisões são tomadas por especialistas em Patrimônio, Arte e Cultura.

Enfim, pode-se dizer que o campo da Arte e de sua preservação é amplo e estimulante, por isso repito sempre:

Na Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.